



## doi O valor da não-comunicação: brincadeira de esconde-esconde

### The value of not communicating: hide-and-seek play

doi Decio Gurfinkel\*

**Resumo:** Este trabalho pretende colocar em relevo o valor da não-comunicação, assim como a importância da dialética “estar só”/“estar com”, própria da brincadeira de esconde-esconde. Winnicott sugeriu que muitos adolescentes não gostam dos psicanalistas, pois aqueles se irritam com a ameaça de invasão de seu espaço privado e preferem um diário secreto. É estranho como nos dias de hoje assistimos a uma paixão dos adolescentes por uma conectividade ininterrupta, agitada e veloz, com pouco espaço para as pausas, os silêncios e o espaço de segredo. Como entender então essa aparente contradição? Podemos considerar que a modalidade de comunicação incessante e compulsiva que predomina em nossa cultura assemelha-se à defesa maníaca na qual um *falso-self* está sempre buscando os movimentos agitados e ascendentes, sem lugar para o pouso e a queda, evitando, assim, a experiência depressiva e furtando-se ao viver criativo e ao “tempo do sonhar”? Ainda há lugar no mundo de hoje para um Salinger ou um Proust?

**Palavras-chave:** comunicação; adolescência; artistas; segredo; repouso.

**Abstract:** This paper intends to put in relief the value of not communicating, as well as the importance of the dialectic “being alone”/“be with” as we see in hide-and-seek play. Winnicott suggested that many adolescents don’t like psychoanalysts: they get irritated with the threat of invasion of their private space, and prefer a secret diary. It’s strange how nowadays we observe a passion of adolescents of a fast and uninterrupted connectivity, with little opportunity for pauses, silence, and a secret space. How can we understand this apparent contradiction? Can we consider that the incessant and compulsive communication mode that prevails in our culture resembles the maniac defence in which a false self is always seeking restless and ascendants movements, without opportunity for landing and falls, thus avoiding the experience of depression and also of living creatively and dreaming? Is there still a place in today’s world for a Salinger or a Proust?

**Keywords:** communication; adolescence; artists; secret; rest.

---

\* Professor do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, pós-doutor pela PUC-SP, doutor pelo IP-USP e autor de diversos livros.

“Como ser capaz de ficar só [*to be isolated*] sem ter que se encapsular [*to be insulated*]?” (Winnicott, 1965j[1963]/1990, p. 187). Essa é a maneira sintética e brilhante com a qual Winnicott colocou o dilema de todo ser humano, desafiado continuamente – e por vezes até dilacerado – entre a necessidade de se comunicar com o outro e a necessidade ainda mais vital de conservar o núcleo de seu *self* isolado.

Ainda que essa seja uma questão essencial que concerne a todos, os adolescentes são particularmente sensíveis ao problema. A preservação de um isolamento pessoal é vital para eles, pois é parte essencial da procura de uma identidade em um momento de muitas mudanças. Tais mudanças deixam o adolescente em um estado quase de carne viva, e defender-se contra invasões – ou contra o risco de ser descoberto precocemente, antes da hora de estar lá para ser encontrado – passa a ser uma questão de sobrevivência psíquica. Winnicott sugere que esse é um dos motivos pelos quais os adolescentes evitam o tratamento psicanalítico: eles sentem que podem ser “violados espiritualmente” pelo analista. É claro que tais medos podem ser ou não confirmados em maior ou menor grau pela experiência de encontro com cada analista em particular, e espera-se que sejamos capazes de levar em conta esse ponto de sensibilidade existencial tão crucial no manejo de tais pacientes.

Há algumas décadas, era bastante comum que os adolescentes escrevessem um “diário secreto”; hoje, esse hábito não é tão frequente, mas é possível encontrarmos resquícios ou algo análogo a esse hábito na vida dos adolescentes contemporâneos. Um diário inclui, muitas vezes, notas, poemas, reflexões, conversas internas etc., e sua escritura pode comportar diversos usos e significados para cada pessoa, variando de um celeiro interno no qual se exercita a construção de experiências de subjetivação até o receptáculo de uma dissociação psíquica. Assim, em um conhecido relato clínico de uma análise radical que envolveu uma regressão profunda à dependência, Winnicott (1954a[1949]/1992) sugeriu que o diário da paciente não era um retrato vivo de seu verdadeiro *self*, mas a projeção de uma mente dissociada do psicossoma. Quando a paciente deixou de escrever o diário, houve uma clara sinalização da quebra da defesa dissociativa e, tempos depois, quando retomou sua escrita, o fez de maneira muito mais livre e proveitosa.

Os diários, bolsas, gavetas, armários e, mais caracteristicamente nos dias de hoje, celulares, computadores e outros dispositivos tecnológicos dos adolescentes devem efetivamente permanecer secretos? Sabemos dos efeitos deletérios e do util paradoxo envolvido no fato de uma mãe que não permite que seu filho tenha um segredo. Por mais que o respeito ao espaço do segredo seja essencial, há também um desejo concomitante de procurar e descobrir, afinal, pais que buscam ativamente entrar na vida de seus filhos também são movidos por preocupação, amor e um interesse genuíno em saber

quem seu filho realmente é. Por vezes, esses pais também respondem a um desejo inconsciente do filho de comunicar algo, como na situação típica de pequenos delitos antissociais que deixam pistas óbvias para serem descobertas pelos pais. Mas estarão os pais capacitados a compreender a necessidade de seus filhos de estarem só, para que, a partir de uma situação que deve ser sustentada no tempo e no espaço, tecerem paulatinamente uma experiência autêntica e consistente de si mesmos?

Winnicott nos brindou com um modelo precioso para expressar esses dilemas: a brincadeira de esconde-esconde. Afinal, é uma delícia poder se esconder, mas um desastre não ser procurado e encontrado pelo outro. Para mim, essa é uma das imagens mais fortes com que Winnicott nos presenteou, em um de seus trabalhos mais inspirados. Se até então poderíamos nos inclinar a considerar a necessidade de isolamento um traço patológico esquizoide, um retraimento que indicaria a ruptura do espaço transicional entre eu e outro, a partir do artigo sobre a comunicação e a não-comunicação, o isolamento e a necessidade de estar só ganham inequivocadamente um valor positivo – um sinal de saúde e de experiência constituinte do *self*.

É fato que o desejo ou a necessidade de estar só variam imensamente de pessoa para pessoa. Assim, vejamos alguns exemplos conhecidos.

Alguns escritores e artistas têm optado por se manter reclusos, evitando entrevistas e encontros sociais e até mantendo-se rigorosamente inacessíveis. J. D. Salinger, autor do famoso romance *O apanhador no campo de centeio*, que marcou época na década de 1950, viveu 55 anos isolado do mundo. Sendo um jovem escritor, passou pelos horrores do *front* na Segunda Guerra Mundial – tendo participado na linha de frente do desembarque dos aliados na Normandia e da libertação do campo de concentração de Dachau – e, após uma internação em um hospital psiquiátrico em razão do estresse pós-traumático, passou a escrever sobre o vazio dos jovens no pós-guerra. Alguns anos depois, escreveu seu único romance, um libelo contra o sistema protagonizado por um adolescente rebelde. A obra vendeu 65 milhões de cópias e influenciou multidões. Salinger tornou-se rico e famoso, mas logo começou a se sentir perturbado pela invasão de sua vida pessoal. Assim, deixou Nova York e exilou-se na pequena cidade de Cornish, onde permaneceu até sua morte, em 2010. Recentemente, uma nova biografia sua está sendo lançada, assim como um documentário<sup>1</sup> e uma cinebiografia, que buscam justamente compreender tal opção pela reclusão.

Outros casos também são conhecidos. Marcel Proust ficou 13 anos isolado enquanto escrevia *Em busca do tempo perdido*. Nos últimos três anos desse período, nem mesmo saía do quarto. Emily

---

<sup>1</sup> Refiro-me à biografia *Salinger*, escrita por D. Shields e S. Salerno (Intrínseca, 2014) e ao documentário *Salinger* (EUA, 2013), dirigido também por Salerno.

Dickinson passou seus últimos 20 anos fechada em casa, e Saigyō Hōshi, poeta japonês do século XII, largou a farda com 22 anos e foi escrever no campo. Considerado o patriarca da “literatura reclusa” – movimento que prosperou no Japão medieval –, ele acreditava que o escritor deveria viver em isolamento para poder refletir melhor sobre a natureza e os malefícios da vida urbana. Ora, ainda hoje temos Thomas Pynchon, vivendo isolado em Nova York há 60 anos sem nem ao menos ser fotografado e ainda escrevendo e publicando – chegou-se a duvidar se ele existia mesmo ou se seria apenas um pseudônimo adotado por Salinger.

Esses e outros exemplos nos falam do valor do estar só e de sua relação íntima com o processo criativo. Muito se escreveu sobre as consequências da fama e da hiperexposição para a vida do artista e seu trabalho, como tão bem retratou Philip Roth na vida de seu personagem-escritor e *alter ego* Nathan Zuckerman. O tema foi também abordado com ácida ironia no filme *A grande beleza*, que traz a história do homem que desperdiça sua vida ao se alimentar da fama de seu único romance, escrito na juventude. Em *A invenção da solidão*, obra essencial de Paul Auster que é, ao mesmo tempo, autobiografia e meditação sobre a vida e o viver, o autor nos dá um testemunho vivo de um momento dramático de sua vida – com perda do pai, a separação e luta por tornar-se um escritor –, no qual a experiência da solidão foi uma matriz essencial. Quem conhece a obra posterior do autor sabe que todos os temas essenciais de sua reflexão já estavam anunciados nesse seu autorromance de formação. Segundo Pascal, “toda a infelicidade do homem decorre de uma só coisa: ser incapaz e ficar sossegado em seu quarto” (Pascal *apud* Auster, 1982/2004, p. 88). Essa frase é o eixo do trabalho de Auster e também a inspiração de Baudelaire em “Solidão”, um de seus poemas em prosa no qual evoca Pascal como o sábio que nos advertiu, na cela de seu recolhimento, contra “todos estes enlouquecidos que procuram a felicidade no movimento” (Baudelaire, 2006, p. 135), em uma espécie de prostituição.

Ao que parece, todos esses artistas estiveram seriamente empenhados em uma verdadeira brincadeira de esconde-esconde. Podemos dizer que, em cada um deles, há um desejo – ou mesmo uma necessidade – de ficar só; mas, é claro, eles também almejavam se comunicar, e a realização de sua obra no mundo nada mais é do que a materialização desse desejo. No entanto, somos confrontados por vezes com a situação paradoxal e desnorteante dos artistas que destroem sua obra ou são obcecados por mantê-la não publicada. Esse é o caso de Hector Mann, personagem do romance *O livro das ilusões*, de P. Auster: um gênio do cinema mudo que se manteve recluso por 60 anos e que, ao final, queimou todos os seus filmes guardados secretamente.

Um último exemplo, paradigmático do mundo contemporâneo: Banksy, que tem atraído tanto o interesse dos adolescentes de hoje. Trata-se de um artista único e inquietante, de um “artista de rua” britânico que se dedica ao grafite e que, tendo saído da cultura *underground*, tornou-se uma celebridade *sui geniris*. Ele foi escolhido pela revista *Time* como um das cem pessoas mais influentes do planeta – juntamente com Obama. Suas obras valem uma fortuna, mas ele permanece até hoje rigorosamente anônimo. Ninguém sabe quem é Banksy, e os que o sabem conservam o segredo com uma lealdade impressionante. Ele tem um agente de relações públicas e uma espécie de “tropa de choque” que o representa e o protege, em uma política deliberada que inclui contratos rigorosos de sigilo em exposições e *performances* públicas, e adota um comportamento que atinge as raias da paranoia. Ele costuma responder a entrevistas por *e-mail* ou disfarçando sua voz, e certa vez deixou-se fotografar como um saco de papel cobrindo a cabeça.

Qual seria a razão dessa opção pelo anonimato? Tentando responder a essa questão, o biógrafo W. Ellsworth-Jones apontou que, inicialmente, a finalidade de Banksy era proteger-se dos riscos de ser preso, dada a ilegalidade de suas atividades – muitos de seus colegas foram condenados e presos em razão do comportamento dito antissocial. Mas, se com o passar do tempo essa ameaça não mais se colocava, o anonimato tornou-se, por outro lado, completamente vital para seu trabalho. O próprio Banksy disse que “a invisibilidade é um superpoder” (Ellsworth-Jones, 2013, p. 102), e citou Chaplin que, ao ser indagado sobre por que insistia no cinema mudo, respondera: “se eu falar, serei visto como qualquer outro comediante” (Ellsworth-Jones, 2013, p. 102). Para Ellsworth-Jones, “o anonimato, que já foi uma necessidade, tornou-se algo como uma ferramenta de *marketing*, pois ao esbarrar na fama ele aprendeu a usá-la com extrema habilidade” (2013, p. 103). Um galerista comentou que as pessoas não querem saber quem é Banksy: “qualquer um pode descobrir, deve ser bastante fácil, mas é mais divertido e muito mais lucrativo não saber” (*apud* Ellsworth-Jones, 2013, p. 109).

Mas será que se trata apenas de uma jogada de *marketing* ou podemos entrevêr aqui outras razões e sentidos? Em certa ocasião, quando um jornal quase revelou a identidade de Banksy, um fã furioso protestou: “vocês arruinaram algo especial” (*apud* Ellsworth-Jones, 2013, p. 109). Ora, podemos supor aqui uma reação de ódio e revolta pela intrusão em uma área de segredo que não deveria ser violada, à maneira de uma espécie de estupro do *self*, como sugeriu Winnicott. É surpreendente, mas os fãs leais de Banksy estão determinados a não saber quem ele é.

Isso tudo nos faz refletir sobre o valor positivo de certa tendência antissocial, expressão que tomo a liberdade de utilizar aqui em um sentido um pouco mais amplo. Eu arriscaria especular, no caso de Banksy, que a natureza antissocial de sua atividade artística e o caráter antissocial de sua

atitude diante do mundo são dois aspectos bastante interligados. Se levarmos em conta os diversos exemplos aqui lembrados, podemos reconhecer em todos eles um traço comum: a busca de uma espécie de isolamento que é, em sentido lato, sutilmente antissocial. Ora, se nos inspirarmos em Winnicott, podemos reconhecer aqui a reivindicação de um verdadeiro *self* que quer se manter legitimamente protegido e não invadido pelo mundo. Trata-se de uma espécie de tendência antissocial que se encontra com frequência entre os artistas e entre os adolescentes. Nesse sentido, é curioso pensar que, se Freud nos falou da relação entre os escritores criativos e o devaneio, Winnicott, por outro lado, chamou nossa atenção para a relação entre o ofício de tais artistas e o espaço de segredo.

Creio que essa mesma brincadeira de esconde-esconde pode ser reconhecida no sonhar e no viver criativo. Ao dormir, o sujeito se recolhe em um espaço privado que, se, com Freud, poderíamos qualificar como narcisista, com Winnicott podemos considerá-lo como o celeiro do verdadeiro *self*. Aqui, a distinção entre retraimento e regressão torna-se crucial. No sono-sonho, não se dá apenas um afastamento do mundo circundante, pois, na experiência do sonhar, ocorre um processo de intenso diálogo com os objetos e com a realidade intersubjetiva. Os objetos do mundo são recolhidos e acolhidos no espaço interno de um teatro noturno na forma de restos diurnos, transformados e recombinação como em uma atividade de colagem e segundo um processo altamente criativo. Em seguida, esse novo objeto, urdido no escuro do sono, é re-lançado no espaço da vigília; trata-se de uma aposta que busca lançar novos projetos de vida, ou seja, que visa, em última instância, a realização de desejos. Daí a afinidade inerente entre o sonhar e o viver, proposta por Winnicott<sup>2</sup>.

Em contraste, o fantasiar é uma atividade mental estéril e fechada em si mesma, produto patológico de uma dissociação que rompeu com a possibilidade de uma experiência de transicionalidade entre o *self* e o mundo, entre o núcleo e a casca. Trata-se de uma obra potencial fadada a não vir ao mundo, fadada a murchar e a secar pela falha da transicionalidade e pela ausência de um espaço para sonhar. Para poder ocorrer uma experiência criativa, certas condições são necessárias: a existência de um espaço potencial e a oportunidade de experimentar a não-integração ou de habitar aquilo que Winnicott nomeou no final de sua obra como “a área do o informe”. Em outras palavras, podemos conceber as condições para a experiência criativa em termos da construção de um espaço para sonhar.

Para se resguardar tais condições, são necessários um “espaço de segredo” e um “espaço de repouso”.

---

<sup>2</sup> Desenvolvi mais extensamente essas hipóteses em Gurfinkel, D. (2008). *Sonhar, dormir e psicanalizar: viagens ao informe*, São Paulo: Escuta.

Masud Khan esteve profundamente envolvido com tais questões. Como assinalou, a grande questão que o movia em sua vida era a preocupação com a relação de uma pessoa consigo mesma (Khan, 1977/1989, p. 183). Os temas de interesse de seus trabalhos bem o atestam, como logo depreendemos ao lembrar os títulos de seus livros *The privacy of the self* e *Hidden selves*. Este último contém dois capítulos dedicados aos temas do segredo, do espaço potencial e do viver compartilhado e termina com um notável ensaio denominado “On Lying Fallow”, que recapitula a seguir.

A expressão “*lying fallow*” significa, aproximadamente, “deixar a terra descansar” (por um período de tempo de pelo menos um ano antes de ser semeada). Com essa metáfora, Khan pretendia chamar nossa atenção para a importância crucial de um determinado estado psíquico que é essencial na vida de todos nós e no nosso trabalho como psicanalistas. Ele assinala, no final de seu artigo, que foi Winnicott quem lhe ensinou como ajudar um paciente a desenvolver sua própria capacidade de “deixar a terra descansar”, sem se sentir forçado pelo analista a preencher a sessão com uma sucessão de fatos e falas que nada têm a ver com uma verdadeira associação livre. Os créditos são absolutamente pertinentes, pois a importância atribuída por Winnicott aos estados de não-integração para a experiência criativa, ao papel crucial por ele conferido à área do informe e à sua máxima “antes de fazer, ser” relacionam-se diretamente ao campo de questões levantadas por Khan.

A capacidade de *lying fallow* é uma função saudável do ego a serviço do indivíduo e uma conquista resultante do lento processo de personalização. Ela depende da aceitação da singularidade e independência do *self* de cada um, da tolerância da não-comunicação e da possibilidade de suportar a suspensão do relacionar-se com o ambiente. Trata-se de um estado de espírito muito singular e difícil de descrever, mas que é nutriente para o ego e também uma condição preparatória essencial para a maior parte de nossos esforços criativos: “através de uma animação psíquica suspensa e não-integrada, tal estado nos oferece as condições de possibilidade para aquela experiência interior larval que distingue a verdadeira criatividade psíquica de uma produtividade obsessiva” (Khan, 1977/1989, p. 185).

Khan nos advertiu, já em 1977, que a civilização moderna, excessivamente pragmática e individualista – ainda que tenha proporcionado a seus membros conquistas inegáveis na forma de um bem-estar social –, negligenciou os aspectos mais sutis das experiências psíquicas de privacidade e silêncio, tendo falhado seriamente em reconhecer seu valor para a existência humana. Tanto o trabalho e a ocupação compulsiva quanto a indústria do entretenimento, com seu imperativo social que gera um vício pelo lazer, são francamente contrários ao *lying fallow*.

Mas como podemos atualizar essas proposições de Khan para os dias de hoje e, mais particularmente, no que tange à vida de nossos adolescentes?

Seria cabível dizer que a hiperconectividade que caracteriza o mundo contemporâneo – um mundo agitado e veloz no qual há pouco espaço para as pausas, os silêncios e o espaço de segredo – corresponde a uma espécie de modalidade maníaca de ser e estar? Pois, se é a defesa dissociativa do fantasiar que impossibilita o sonhar, podemos supor que é a defesa maníaca que impede o repouso necessário para a experiência criativa.

Pode-se argumentar, com certa razão, que incorremos aqui no erro metodológico de transpor indevidamente os conceitos e os modelos, ignorando que o modo de vida contemporâneo se dá segundo outros parâmetros subjetivos que não podem ser abarcados pelas categorias que conhecemos. Ainda assim, somos tomados por alguma inquietação: será que não estamos cada vez mais distantes da experiência do *lying fallow*, perdendo de vista o valor da não-comunicação? A hipercomunicação que vivemos não implica uma hipersocialização que nos deixa carentes de uma tendência antissocial necessária? Será que ainda há lugar, nos dias de hoje, para a brincadeira de esconde-esconde?

A propósito, lembro-me de um artigo de Marcelo Coelho (2014) que, ao ressaltar o que se perdeu com a substituição da comunicação epistolar por meio de cartas pela troca de *e-mails*, comentou: “o *e-mail* não prevê um grande intervalo entre a mensagem e a resposta, nem a ociosidade da espera e nem o acúmulo de nadas que compõem as melhores cartas” (Coelho, 2014, p. 5). Desassossegados por tais interrogações, devemos humildemente reconhecer que estamos vivendo novas experiências em termos de comunicação e não-comunicação e que certamente ainda temos muito a aprender com figuras tais como Banksy.

## Referências

- Auster, P. (2004). *A invenção da solidão*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1982)
- Baudelaire, C. (2006). *Pequenos poemas em prosa*. Rio de Janeiro: Record.
- Coelho, M. (2014, maio 11) O fim do mundo epistolar: o que perdemos ao abrir mão das cartas?. *Folha de S.Paulo*, pp. 4-5.
- Ellsworth-Jones, W. (2013). *Banksy: por trás das paredes*. Curitiba: Nossa Cultura.
- Gurfinkel, D. (2008). *Sonhar, dormir e psicanalizar: viagens ao informe*. São Paulo: Escuta.
- Khan, M. (1989) On Lying Fallow. In M. Khan, *Hidden selves: between theory and practice in psychoanalysis*. Londres: Karnak Books. (Trabalho original publicado em 1977).

Rodrigues, A. (2013, novembro 3) Os mitos da caverna: uma espiadinha na reclusão de Salinger & Co. *Folha de S.Paulo*, p. 3.

Winnicott, D. W. (1992) Mind and its relations to the psycho-soma. In D. Winnicott, *Through paediatrics to psychoanalysis: collected papers*. London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1954a[1949])

Winnicott, D. W. (1990) Communicating and not communicating leading to a study of certain opposites. In D. Winnicott, *The maturational processes and the facilitating environment*. London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1965j[1963])